

DRAMATURGIAS E PERFORMANCES DA CENA ACADÊMICA: UMA LEITURA GOFFMANIANA DA APRESENTAÇÃO EM GRUPOS DE TRABALHO

DRAMATURGIES AND PERFORMANCES OF THE ACADEMY: A GOFFMANIAN READING OF THE PRESENTATION OF WORKS AT EVENTS

Luís Mauro Sá Martino¹

Resumo

Este texto delinea alguns aspectos da apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos. Momento privilegiado de participação em uma comunidade científica, trata-se também de um processo interacional altamente ritualizado, no qual o sucesso ou fracasso pode alterar o prestígio e reconhecimento de quem apresenta. A partir de pesquisa bibliográfica e da observação participante ostensiva, é possível delimitar três momentos dessa dramaturgia: (1) a organização da cena, com tensionamentos entre as normas institucionais e autonomia na definição das dinâmicas do grupo; (2) a performance da apresentação e as quebras de script e (3) as dimensões rituais nas interações do momento das perguntas. Esses aspectos são analisados a partir da perspectiva dramaturgical das interações desenvolvida por Erving Goffman.

Palavras-chave

Eventos acadêmicos; comunicação; microinterações; apresentação; Goffman.

Abstract

This text outlines some aspects of the presentation of papers at academic events. A privileged moment of participation in a scientific community, it is also a highly ritualized interactional process, in which success or failure can alter the prestige and recognition of the presenter. Based on bibliographic research and overt participant observation, it is possible to delimit three moments of this dramaturgy: (1) the organization of the scene, with tensions between institutional norms and autonomy in defining group dynamics; (2) the performance of the presentation and script breaks; and (3) the ritual dimensions in the interactions at question time. These aspects are analyzed from the dramaturgical perspective of interactions developed by Erving Goffman.

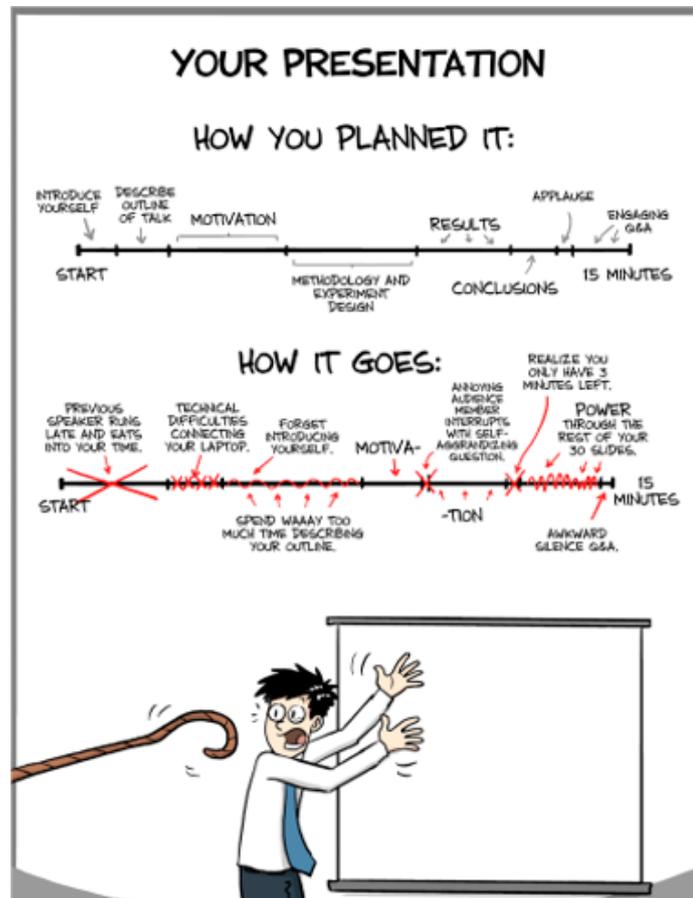
Keywords

Academic events; communication; microinteractions; presentation; Goffman.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor da Faculdade Cásper Líbero, Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM) e Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP). Email: lsamartino@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5099-1741>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0251927939615742>

Introdução

Figura 01: Expectativa e realidade na apresentação de um trabalho²



Fonte: <https://phdcomics.com/>

A ilustração que abre este texto foi retirada da série de *webcomics* “PhD Comics”, publicada online há mais de 20 anos pelo artista estadunidense Jorge Cham, e retrata uma das situações mais comuns da vida acadêmica: a apresentação de pesquisas em eventos, particularmente em grupos de trabalho. Se o tom dos quadrinhos de Cham é cômico, trata-se de um riso criado a partir de acontecimentos comuns nesse tipo de situação: falhas, erros, quebras de *script*, imprevistos e toda uma série de elementos correlatos. A familiaridade com esse tipo de problema, assim como uma possível identificação com o pesquisador anônimo que aparece no quadrinho, sugere que, apesar das infinitas variações possíveis de uma apresentação em evento acadêmico, elas parecem seguir um mesmo roteiro – ou, dito de outra maneira, uma organização dramática próxima.

2 SUA APRESENTAÇÃO

Como você planejou:

Começo - Apresentação - Descrever a sequência da fala - Motivação - Metodologia e desenho do experimento - Resultados - Conclusões - Aplausos - Perguntas e respostas interessantes.

Como acontece:

Começo - Apresentador anterior atrasou e comeu seu tempo - Dificuldades técnicas para conectar seu laptop - Esquece de se apresentar - Perde muuuito tempo descrevendo sobre o que vai ser a apresentação - Motiva - Membro irritante da platéia interrompe para se exibir fazendo uma questão - Percebe que só tem 3 minutos - Corre pelos próximos 30 slides - Silêncio desconfortável na hora das perguntas.

É sintomático que um dos últimos textos do sociólogo canadense Erving Goffman (1981), incluído em seu livro póstumo *Forms of Talk*, seja um estudo intitulado "The Lecture" ("A palestra"), a respeito do modo como pequenas inflexões de voz, escolha de palavras, hesitações, posicionamentos e gestos interferem na qualidade do resultado final desse tipo de interação. Goffman foi um dos pioneiros na formulação de uma perspectiva dramática de análise da vida cotidiana, e as vivências acadêmicas, como sugere esse estudo, não estavam fora do jogo.

A palestra, assim como outras formas de apresentação de trabalhos no meio acadêmico, são momentos de exposição pública de um saber e, por isso mesmo, abertos a certo grau de imprevisibilidade – por isso, como mostra o autor, a necessidade de uma preparação quase ritualística desse tipo de performance com vistas ao sucesso naquele momento.

Apresentar um trabalho em um evento acadêmico é um momento representativo da vida universitária. Desde os congressos principais de cada área do saber, reunindo milhares de participantes presenciais ou virtuais, até os seminários de grupos de pesquisa, com participação restrita, existe toda uma variedade de espaços nos quais pesquisadoras e pesquisadores, nos mais diversos momentos de suas atividades, encontram a oportunidade de colocar seu trabalho em debate junto aos pares. Trata-se, como destacado por estudos como os de Guimarães e Hayashi (2014) ou Bomfim (2016), de uma das principais trilhas da comunicação científica, podendo repercutir não apenas na discussão imediata entre pares, mas também na disseminação de conhecimento pela área, recordam Martens e Saretzki (2006) e Lisée, Larivieri e Archembaut (2008).

Farias e Gancho (2014), em uma perspectiva mais ampla, definem eventos como atividades fundamentais para a boa comunicação de uma área, contribuindo em várias dimensões para a construção de sua imagem. Devem, na concepção da autora e do autor, ser tratados de maneira profissional, levando em conta a necessidade de organização e planejamento para seu sucesso. Em particular, eventos acadêmicos estão ligados também à consolidação das pesquisas de uma área ou subárea do conhecimento e, por isso mesmo, parecem comportar também um aspecto institucional a ser levado em consideração.

Desde o início, os participantes se deparam com o cenário singular, as atividades solenes, a expectativa e apresentação dos trabalhos e debates, o encontro com os pares, o encontro com pesquisadores, os quais, muitas vezes, são conhecidos como referências às pesquisas dos estudantes. É a oportunidade das conversas informais, que podem resultar em trocas de contatos e posteriormente, integrar suas redes de relacionamento (Moraes, 2019, p. 13).

Esses aspectos, em que pese toda a diversidade de formatos, temáticas e objetivos de cada evento universitário, parecem se objetivar de maneira prática em um momento específico: a apresentação de trabalhos. Embora, dependendo do tamanho do evento, existam diversas outras atividades, como conferências, mesas-redondas,

oficinas e minicursos, como recorda Targino (2006), a hora de apresentar uma pesquisa para um grupo relativamente fechado – denominado, em geral, “grupo de trabalho” (GTs) embora o nome possa apresentar algumas variações – pode ser considerado como o centro desse tipo de eventos. Trata-se, a rigor, do momento de exposição e diálogo mais concentrado com um recorte da comunidade científica diretamente interessado naquela temática e, portanto, apto a oferecer contribuições voltadas diretamente para a pesquisa.

Apresentar um trabalho para os pares da comunidade acadêmica pode ser consideravelmente desafiador, e não só para pesquisadoras e pesquisadores nos estágios ainda iniciais de uma vida universitária. Trata-se de uma atividade revestida de uma série de procedimentos ligados à carreira acadêmica.

Participar de um congresso científico é uma oportunidade para o exercício da argumentação e do debate e, nesse contexto, é possível encontrarmos diferentes perfis de apresentadores, desde aqueles já habituados às apresentações orais como aqueles que irão vivenciar a primeira participação (Moraes, 2019, p. 12).

Às vezes, somam-se a isso as expectativas criadas por um imaginário em circulação no ambiente acadêmico, objetivada, nas conversas de corredor, em expressões como “aquele GT é muito difícil” ou “acabaram com o trabalho do fulano no ano passado”.

As apresentações parecem constituir um espaço particularmente importante de interesse, não apenas por serem, em geral, a atividade mais representativa em termos numéricos em eventos acadêmicos como também por se caracterizarem como o local privilegiado de trocas, debates e diálogos (Targino; Neyra, 2006; Zani, 2018). Trata-se de uma situação que, por sua brevidade e intensidade, permite observar não apenas as qualidades imediatas deste ou daquele trabalho, mas, de certa maneira, questões mais amplas relativas ao ambiente acadêmico.

Atividade envolvida por uma série de rituais, protocolos e expectativas de performance, a apresentação de um trabalho em eventos acadêmicos pode ser objeto de um olhar mais próximo e questionador, no sentido de observar como são objetivados, nesses momentos, questões mais amplas da vida universitária.

Este texto delinea alguns aspectos da apresentação de pesquisas em grupos trabalhos de eventos acadêmicos. Esse aspecto da apresentação em grupos de trabalho, em particular, parece ainda não ter sido objeto de investigações mais aprofundadas, com a bibliografia consultada referindo-se, de maneira mais ampla, a todo e qualquer tipo de apresentação. O grupo de trabalho, por sua unidade temática e a perspectiva de continuidade, ao menos parcial, entre seus participantes, apresenta-se como um espaço particularmente interessante para observar as ritualidades presentes na exposição de uma pesquisa, daí a escolha desse espaço como objeto.

Momento privilegiado de participação em uma comunidade científica, trata-se também de um processo interacional altamente ritualizado, no qual o sucesso ou o fracasso podem alterar o prestígio e o reconhecimento de quem apresenta. Embora a

realização de eventos virtuais ou híbridos seja cada vez mais frequente, optou-se, neste texto, pelo enfoque das interações face a face na modalidade presencial.

No que se refere aos eventos científicos, o ambiente presencial tem sido um dos elementos fundamentais para seus resultados. Esses eventos reúnem pesquisadores, de diversas áreas do conhecimento, a fim de divulgar trabalhos, realizar debates e apresentar novos consensos (Moraes, 2019, p. 2).

Se, de um lado, alguns aspectos das apresentações são compartilhados pelas modalidades online e presencial, há diferenças específicas que tornam necessário optar por um ou outro espaço. No caso das apresentações presenciais, a ausência da mediação da tela tende a criar um espaço de interações potencialmente ininterruptas, na medida em que a presença do outro é uma constante – não é possível, a título de exemplo, “fechar a câmera” ou realizar outras atividades no computador enquanto se participa do evento. Em vista disso, neste texto optou-se por trabalhar com a apresentação em situações presenciais, remetendo-se, para o estudo de situações próximas no âmbito online, para textos de Martino (2021) ou Gastaldo (2023).

Este trabalho dialoga com incursões sobre o tema realizadas por Targino e Neyra (2006) e Moraes (2019) voltados para a dinâmica de apresentação de artigos em eventos acadêmicos, além do estudo de Rodrigues (2017) sobre a área de Comunicação. Em termos mais amplos, sobre a natureza e a relevância desses eventos, as considerações estão pautadas em explorações de várias dimensões do assunto realizadas. Nota-se que a preocupação com o tema está presente em diversas áreas do saber, a julgar pelos trabalhos sobre eventos em Enfermagem (Santos, 2017), Fisioterapia (Vieira; Andrade, 2019), Tecnologia (Silva; Conceição, 2023) e Educação (Costa, 2023). Este estudo dá prosseguimento a pesquisas anteriores (Martino, 2021; 2025; Santos; Martino 2023) voltados para explorações em escala micro com a utilização de metodologia semelhante, trabalhando com pesquisa bibliográfica e observação participante ostensiva em eventos da Área de Comunicação, entre 2010 e 2024.

A partir desses elementos foi possível delimitar ao menos três momentos dessa interação, apresentadas na sequência. Por razões de exposição, optou-se aqui pelo acionamento dos conceitos à medida que sua interpelação é demandada pela análise do objeto. No que se segue, este texto se organiza em três tempos: (1) um tensionamento entre normas institucionais e autonomia coletiva na definição das dinâmicas do grupo; (2) as tomadas de posição, mais firmes ou hesitantes, durante as apresentações e (3) as colaborações, contribuições e demarcações de campo no momento das perguntas. Esses aspectos são analisados a partir, sobretudo, dos estudos da chamada “microsociologia” de Erving Goffman.

A preparação da cena: entre norma e autonomia

Um dos aspectos destacados na apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos é a regulação e o controle do tempo e a definição do espaço no qual a exposi-

ção deve acontecer. Dimensões responsáveis pela definição das dinâmicas a partir das quais o grupo deve se organizar, o tempo e o espaço dedicados a cada uma das apresentações colocam uma série de questões que parecem se desenvolver, paralelamente, em duas linhas de conduta – dois “footings”, ou “linhas”, termo utilizado no vocabulário goffmaniano para designar a conduta adotada no início de uma interação, a partir da qual, espera-se, as demais sejam tacitamente estabelecidas. Desse momento anterior de “colocação em cena” (*mise-en-scene*) do ambiente, decorre a linha – ou, nesse caso, também o clima – no qual devem se desenvolver as atividades imediatas:

O clima não se constrói durante o evento, com procedimentos visíveis ao participante, os quais, muitas vezes, podem estar omitindo situações de adversidade no evento. O processo se inicia no planejamento e compete aos gestores a construção de uma experiência vivida favorável a todos os envolvidos no planejamento e realização do evento, que irá refletir na percepção dos participantes (Moraes, 2019, p. 7).

Trata-se de uma diferença entre a definição oficial da duração de cada apresentação e as dinâmicas das práticas seguidas pelas pessoas que apresentam. Cada “linha” tende a estabelecer um curso de ação, e eventuais problemas ou incongruências demandam interferências fora dessa definição inicial.

A primeira linha tende a ser definida de modo aberto, com buscas à participação e à validação a partir de mais de uma dimensão de autoridade.

É possível, em alguns casos, que, nessa preparação da cena momento, sejam definidos também os tempos de início, intervalo e fim de cada sessão, de acordo com a margem prevista pela instituição promotora.

Dessa maneira, cria-se uma solução de compromisso entre as normas da instituição promotora do evento a respeito das dinâmicas gerais dos GTs (por exemplo, “meia hora para cada trabalho”) e o consenso estabelecido pelo grupo sobre a divisão desse tempo colocado à disposição.

É raro, no conjunto dos eventos acadêmicos, que essa definição apresente contornos mais fixos. Talvez uma das exceções mais representativas seja o Encontro Anual da Compós, no qual, por estatuto, cada trabalho deve obrigatoriamente ter uma hora para apresentação e debate. Observe-se que se trata de um evento no qual o número de artigos selecionados é limitado a dez por grupo, dispostos em dois dias de apresentação nos períodos da manhã e da tarde – no segundo dia, isso contempla também um período final de avaliação do GT e, eventualmente, eleição de novas coordenações. Por conta disso, a divisão da apresentação de trabalhos pela manhã e pela tarde é definida pela Associação. Há, no entanto, autonomia de cada GT para definir o tempo de apresentação de cada trabalho em relação aos relatos e as perguntas de participantes (por exemplo, quinze minutos de apresentação, dez de relato, cinco de réplica e trinta para questões, perfazendo um total de uma hora).

Essas definições iniciais são revestidas de um caráter de autoridade legítima, porquanto garantidas, de um lado, pelos estatutos da instituição promotora e, de outro, pelo consenso estabelecido pelo grupo. Dessa maneira, as linhas verticais e horizon-

tais podem encontrar um ponto ótimo de equilíbrio a partir do qual a distribuição do tempo é vista como equitativa por todas as pessoas participando do GT. Estabelecida essa primeira linha, ainda em um sentido basicamente discursivo, começam, de fato, as apresentações.

Esse é também o início da segunda linha (“footing”) de conduta do grupo, momento no qual a anterior é tensionada e testada em termos do respeito à sua validade.

Se a primeira linha implica a definição discursiva de uma situação imediata, mas ainda hipotética, a segunda se caracteriza pelo fato de lidar com as ações práticas de cada uma das apresentações. Em geral, situações mais problemáticas tendem a se colocar no início e no final das exposições.

Essas questões tendem a ficar particularmente visíveis na dinâmica específica de cada apresentação, espaço no qual esses procedimentos tendem a ser objetivados na prática.

Enquanto conferências e mesas-redondas acontecem majoritariamente em auditórios, as reuniões de grupos de trabalho para apresentação de trabalhos tendem a ser realizadas nas salas de aula da instituição que sedia o evento. Isso significa trabalhar dentro de um dispositivo de espacialidade que, se de um lado é preparado para esse tipo de atividade, por outro implica também pensar quais são as condições esperadas de interação. Como lembra Lucrécia Ferrara (2008), pensar o espaço é compreender também seu aspecto nas dinâmicas da comunicação. A sala de aula, enquanto lugar definido para uma determinada atividade, comporta também um aspecto de direcionamento do fluxo comunicacional – há um foco de atenção voltado para a parte da frente, onde fica em geral uma mesa com computador e a lousa, apropriada para receber projeções ou coberta com uma tela para isso.

Quando se chega nas salas de aula designadas para os grupos, geralmente a disposição das carteiras está mantida na mesma configuração das aulas – todas voltadas para a parte da frente. Cabe ao grupo, no início das atividades, definir como atuar dentro dos limites desse espaço.

É relativamente comum ouvir, nesse primeiro momento, sugestões relacionadas a mudanças (“vamos fazer uma roda?”; “podemos fazer um semicírculo?”), vindas tanto da coordenação quanto de participantes individuais. Em geral, isso significa fazer uma rápida avaliação das condições imediatas: uma sala repleta de participantes tende a dificultar a formação de um círculo, algo mais fácil quando há menos gente na sala. Em alguns casos isso significa justificar a proposta com uma explicação – por exemplo, “vamos fazer um círculo, é mais democrático” ou “vamos manter como está, tem muita gente”.

Estabelecida essa cena, tem início, de fato, a ação.

A apresentação do trabalho: a cena em ação

O momento inicial implica uma apresentação de si. Seria possível indicar, aqui também, uma certa ritualidade: espera-se que todas as pesquisadoras e pesquisado-

res informem o grupo, ao menos em termos sumários, as credenciais responsáveis por habilitá-los a ocupar o espaço naquele momento. Essa legitimação já foi garantida por ter seu trabalho selecionado, mas essa nova apresentação de si tende a reforçar isso e estabelecer um lugar de identidade.

É possível identificar, aí também, um sentido de sinalizar o pertencimento à comunidade acadêmica, mas também de posicionamento de campo, no sentido de Bourdieu (2021): ali, na horizontalidade do grupo, ninguém “dispensa apresentações”, ou seja, a nenhuma pessoa é outorgada a prerrogativa, derivada de um alto capital simbólico acumulado ao longo de uma trajetória, de não precisar informar nada a respeito de si mesma. Não sem uma nota de ironia, falar que a pessoa “dispensa apresentações” é uma das apresentações mais valorizadas na medida em que presumiria-se o fato de suas realizações serem de pleno conhecimento dos participantes.

Em geral, essa apresentação inicial tende a se limitar ao nome, universidade com a qual se mantém um vínculo no momento e o grau acadêmico em curso ou finalizado. Em algumas situações, esse momento inicial, a “jogada de abertura” da interação, como denomina Goffman (2015), é revestida de uma forma estratégica de gerenciamento das impressões a serem provocadas no grupo: pessoas em estágios ainda iniciais na jornada acadêmica podem acompanhar sua apresentação de uma fala voltada para a diminuição de expectativas (“estou meio nervoso, nunca apresentei em um evento”; “estou começando o mestrado, é meio tenso falar aqui”) e, eventualmente, do grau de cobrança esperado dos pares.

Em casos raros, a verbalização estratégica de uma insegurança inicial é direcionada à presença de um agente de prestígio particularmente alto no campo ou, pelo menos, na área temática do grupo (“dá um nervoso apresentar aqui na sua frente, professora”; “é difícil falar na frente de pessoas tão importantes”). Espera-se, nesses casos, que esse discurso seja imediatamente dispensado pelas pessoas a quem foi interessado, seja por gestos ou expressões verbais voltadas para ressaltar a horizontalidade do momento (“imagine”; “aprendemos juntos”; “que é isso...”). Procede-se, rapidamente, a uma indicação da origem da pesquisa (“trouxe aqui minha iniciação científica” ou “este é o segundo capítulo do meu doutorado”) como maneira também de indicar a abrangência e a profundidade a serem esperadas.

Quando existe o uso de apresentações de *slides* ou *vídeos*, espera-se que tudo funcione imediatamente. No entanto, a prática mostra certa tensão nesse momento em virtude dos potenciais problemas de ordem técnica – a apresentação não funciona, os *slides* estão desconfigurados, *vídeos* não abrem, a conexão com a Internet cai, entre outros, a tela não é compartilhada – nas apresentações online – e assim por diante. Embora existam tentativas de prevenir essas situações com testes prévios, sua ocorrência parece ser, de certa maneira, esperada.

Isso pode gerar questionamentos e comentários paralelos sobre a reorganização dos procedimentos: um vez que se “saiu da linha”, como fica o tempo em um caso desses? A partir de quando é estabelecido o início da fala? Considera-se o tempo de resolução de eventuais problemas técnicos como parte da apresentação e, portanto,

tempo a ser subtraído do total? Ou é no início efetivo da fala? Essas questões tendem a interferir na distribuição de tempo total, sobretudo quando há uma sequência longa de apresentações.

A conclusão desse momento inicial de gerenciamento de impressões e tomadas de posição significa entrar, de fato, na apresentação da pesquisa. Geralmente tem início, a partir daí, a sequência de *slides* com textos e imagens. A performance da apresentação, nesse momento, pode variar bastante, desde um uso ilustrativo do *powerpoint* com imagens relacionadas ao objeto de pesquisa, palavras-chave e frases de destaque até a projeção de blocos de texto em letras pequenas, lidos integralmente pela pessoa apresentando, com breves intervalos para comentários.

De maneira mais direta, Targino e Neyra (2006, p. 16) levantam uma questão referente à dinâmica das apresentações:

A princípio, nem todos os profissionais que participam das modalidades de atividades mais frequentes em eventos científicos de naturezas distintas, sejam elas conferências, mesas redondas, painéis, apresentação de comunicações / papers, simpósios, fóruns, seminários ou palestras, estão devidamente treinados e / ou possuem habilidade para lidar com o universo da comunicação oral. Por conta disto, muitas vezes, perdem o objetivo central das suas exposições, e não conseguem transmitir aos pares, no tempo previsto, a relevância das informações que desejam repassar.

Raramente a fala de quem está expondo é interrompida, sendo ainda menos comuns as intervenções fora do momento da palestra. Quando aparece algum motivo eventual de distração, como uma falha na apresentação ou outra eventualidade, o público tende a, literalmente, fingir que nada está acontecendo: é o que Goffman (2010) entende por “desatenção polida”, maneira de simular naturalidade diante de uma quebra de *script* com vistas a demonstrar consideração por quem está em uma situação negativa inesperada, diminuindo o constrangimento. A principal interrupção, ao que tudo indica, são as pessoas entrando e saindo da sala, fato também localizado por Targino e Neyra (2006) ou Moraes (2019).

O encerramento é definido por falas de finalização, em geral um agradecimento, seguido muitas vezes por aplausos rápidos do público. No entanto, essa situação comporta ao menos duas variações que podem, de alguma maneira, quebrar as expectativas desse tipo de interação e gerar algum embaraço, seja em quem apresenta ou nos demais participantes.

Terminar a apresentação muito tempo antes do tempo pode não só gerar comentários (“já acabou?”; “ainda tem dez minutos”) mas, no limite, levar a dúvidas sobre a efetividade da apresentação. No polo oposto, ultrapassar o tempo limite significa receber lembretes da coordenação – sua efetividade e estilo decorrem, nesse caso, das características de quem está coordenando, variando desde a recomendação (“você já passou do tempo, vamos encaminhando para o fim, tudo bem?”) até, no limite, a indicação da finalização imediata no limite da polidez (“seu tempo acabou, encerre por favor”).

Esse é o momento em que a autoridade do controle do tempo precisa ser ressaltada pela pessoa responsável – ainda que agindo em nome da instituição e legitimada pelo consenso do grupo, a ação pode enfrentar tensionamentos no micro-nível das interações. Quanto tempo há de margem para o encerramento? Se o tempo de exposição definido for, por exemplo, de 15 minutos, qual é o limite superior de tolerância? Dois minutos? Cinco minutos? E, em termos da equidade do conjunto, se uma pessoa pode falar por cinco minutos além do tempo especificado, isso não garantiria imediatamente o mesmo direito a todas as outras, com eventuais recriminações se a regra for ressaltada (“ela passou do tempo e ninguém falou nada”; “ele teve cinco minutos a mais, vou ter também”)?

Na maior parte dos casos, ao largo de situações embaraçosas, a finalização da apresentação acontece e a pessoa na coordenação retoma a palavra para indicar o início da sessão de perguntas ou comentários do público.

Uma apresentação provocadora, que suscite questionamentos, dúvidas e comentários sugere sua potência de movimentar o pensamento daquele espaço; mesmo críticas, nesse sentido, são bem-vindas na medida em que podem ser índices da qualidade de uma pesquisa, visto que levou um interlocutor a se movimentar no sentido de formular um discurso sobre ela. Se a apresentação em si é um momento de apresentar para o grupo o capital intelectual do qual se dispõe, as perguntas permitem uma objetivação imediata desses bens simbólicos no sentido de se estar diante de questionamentos imediatos feitos pelos pares.

Para quem terminou a apresentação, a expectativa se desdobra em mais de uma dimensão. Pelas suas especificidades, esse momento demanda um olhar específico, para o qual este texto se dirige no tópico seguinte.

O momento das perguntas: a cena de diálogo

“Vamos abrir para perguntas”. Essa frase, geralmente dita pela coordenação do GT ao final de cada apresentação, coloca em movimento toda uma série de rituais, subentendidos e expectativas ligadas à participação em grupos de trabalho nos eventos acadêmicos. Trata-se, em linhas gerais, do momento esperado de articulação dialógica entre pares no tensionamento crítico do material apresentado, situação privilegiada de troca a partir da qual circulam os engajamentos na dinâmica das práticas científicas. Por isso mesmo, o momento é revestido, se não de certa solenidade, ao menos de um sentido de espera em relação ao que vai acontecer em seguida. Eventos, recordam Farias e Gancho (2014, p. 26), “promovem maior relacionamento ou, para usar um termo mais adequado, engajamento com os públicos a que se destinam”.

Vale notar que, em grupos nos quais há relatoria dos trabalhos, o engajamento tende a ser maior – o exemplo seriam os GTs da Compós, ocorrendo algo semelhante em outros espaços nos quais essa prática é adotada.

Em termos ideais, após uma hesitação de três a cinco segundos, pessoas começariam a levantar a mão. Seriam feitas perguntas demonstrando engajamento com

o tema, críticas construtivas, comentários e recomendações ligadas diretamente ao tema, em um prolongamento bem-vindo da apresentação para aprimoramento da pesquisa apresentada. No entanto, é possível notar que essa perspectiva de um roteiro nem sempre é seguida desse modo. Ao contrário, nesse momento alguns tensionamentos de campo podem, de certa maneira, vir à tona, revelados de maneira mais ou menos direta na escala micro dessas interações.

O engajamento do público pode ser tomado como um índice do capital simbólico que a apresentação teve capacidade de mobilizar os pares. “Eventos científicos”, escrevem Hayashi e Guimarães (2016, p. 179), “ainda são um dos meios de divulgação mais utilizados pelos cientistas e pesquisadores”. De acordo com as autoras, “mesmo quando se trata de divulgar projetos de pesquisa, e/ou resultados iniciais e parciais, os eventos ainda se constituem em um bom termômetro para verificar a aceitação pelos pares” (Hayashi; Guimarães, 2016, p. 179).

Uma das primeiras, dentro de uma perspectiva voltada para o exame das micro-interações, é o tempo de prolongamento do intervalo após a indicação, feita pela coordenação, do início das perguntas.

Quando não há perguntas, a falta de mãos levantadas e o silêncio na sala, quando estendidos por mais de vinte ou trinta segundos, tendem a gerar uma sensação inicial de embaraço: a visibilidade recai diretamente sobre a pessoa que apresentou, lembrando que o indivíduo está justamente esperando perguntas que não são formuladas. Essa ambiguidade pode se traduzir em um certo desconforto coletivo pela quebra de expectativas – no lugar de perguntas ou comentários provocadores, o silêncio. A busca pela diminuição do embaraço pode tomar a forma de comentários sobre a própria situação (“Ninguém vai perguntar nada?”; “Nenhuma pergunta?”), às vezes revestido de uma ironia suave – por exemplo, dizer “um de cada vez”, como se houvesse um acúmulo de perguntas.

O silêncio prolongado pode ser lido, no limite, como sinal de fracasso: a apresentação, por razões diversas, falhou em provocar o engajamento da comunidade acadêmica, perdendo, dessa maneira, a possibilidade de receber contribuições, elogiosas ou críticas, para seu aprimoramento. Para quem apresenta, essa falta de engajamento pode levar a questionamentos sobre a qualidade da pesquisa, quando não a respeito do sentido de participar de um evento (“ninguém perguntou nada depois”; “apresentei e foi só isso, não teve perguntas”).

A correção de rota nesse momento, no sentido de evitar esse cenário e prover a pessoa que apresentou de algum engajamento, é uma estratégia importante para diminuir esse embaraço – e, no sentido de Goffman (2009), “acalmar” a pessoa com uma espécie de “prêmio de consolação”.

Às vezes essa iniciativa parte da coordenação, em alguns casos acompanhado de uma pequena indicação de procedimento para o grupo (“olha, para ver se o pessoal se anima, vou fazer a primeira pergunta”). Em alguns casos, alguém do público toma a frente, mas também destacando a situação (“já que ninguém perguntou, eu pergunto”). Essas perguntas, formuladas após um período que seria “aceitável” – indefinido, mas

certamente menos de um minuto – e, portanto, voltadas para diminuir o embaraço, podem atuar no sentido de gerar outras, mas nem sempre corrigem o fato da ausência inicial de engajamento.

Quando não há esse tipo de pergunta, ou são as únicas feitas, a apresentação é encerrada pela coordenação. Índice alto de falha: a apresentação não conseguiu fazer exatamente o que se propõe com a participação em um evento acadêmico, conseguir o engajamento dos pares, fazer parte de uma comunidade, ampliar o capital simbólico a partir dos elogios e das críticas – mas sobretudo, das defesas e reproposições. Na falta de perguntas, não existe possibilidade de formação de um debate que permitiria colocar em jogo um determinado capital intelectual – retomada de autoras e autores, citações, detalhamentos metodológicos, considerações epistemológicas – a partir das quais se poderia demonstrar a capacidade de alocação estratégica de recursos. O silêncio diminui essas chances, restando apenas o constrangimento mútuo da falta de engajamento.

Um segundo cenário, igualmente desafiador, é, de certa maneira, o oposto desse: trata-se de uma grande quantidade de perguntas fomentada por uma apresentação. À primeira vista, isso pode se aproximar do cenário ideal descrito acima, com o engajamento podendo ser lido como medida do capital simbólico envolvido na apresentação. No entanto, uma leitura mais positiva ou negativa depende sobretudo do teor das perguntas: um número alto de questionamentos críticos pode significar que a pesquisa, de fato, engajou o público, mas por seus aspectos negativos.

Em termos práticos, quando o número de perguntas é alto, impõe-se a discussão sobre a questão da duração: a isonomia entre participantes não prevê que a pesquisa que suscitou uma maior participação tenha um tempo maior do que as outras. Em geral, nessas situações, há uma aceleração do ritmo das interações – perguntas podem ser reunidas em blocos, para diminuir o tempo que respostas individuais tomariam, e mesmo a velocidade de articulação da fala pode aumentar, conforme o caso. Some-se a isso que, diante de uma quantidade alta de perguntas, torna-se praticamente inviável – novamente o aspecto do tempo aparece – a formulação de uma resposta mais detalhada para qualquer uma delas. A finalização do período de apresentação, às vezes, requer uma intervenção da coordenação no sentido de indicar um outro momento para seguir com as perguntas (“deixa seu contato, o pessoal segue perguntando” ou “você continuam conversando no intervalo, pode ser?”).

Um último fator relacionado ao sucesso ou fracasso das interações no momento das perguntas diz respeito ao tamanho das questões. Não existe necessariamente regra ou norma fixando o tempo de cada questão – embora, em alguns eventos, como nos GTs da Compós, esse período possa ser estipulado. No geral, há uma expectativa nem sempre cumprida, e uma questão pode levar vários minutos sendo formulada. Raramente há interferências da coordenação, ocorrendo em situações nas quais a pergunta se transforma, aos poucos, em uma outra apresentação por si só.

Tanto quanto no momento da apresentação do trabalho, a performance das microinterações no momento das perguntas parecem se afirmar como uma situação de

comunicação relevante no conjunto do evento, ligadas tanto às possibilidades de engajamento e formulação de comunidade – nos comentários, elogios e críticas – quanto da tomada de posições dentro de um campo.

Considerações finais

De alguma maneira, a apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos é um momento de aprendizado das práticas científicas dentro de uma certa ritualidade. É também um espaço de construção de vínculos de comunidade. Estudar um assunto ao longo de vários anos pode significar manter um contato com pesquisadoras e pesquisadores com quem se tem afinidade temática, acompanhando os desdobramentos das investigações realizadas pelos pares – e fazendo, no momento dos eventos, suas trocas e contribuições. Nos corredores dos eventos, as perguntas “Em que GT você está?” ou “Onde você vai apresentar?” significam saber quais são os vínculos de pesquisa – e, por que não, pessoais – construídos naquele momento. Às vezes, ao longo dos anos, alguns nomes passam a ser imediatamente associados a alguns GTs por conta de sua participação ou, em certos casos, por sua liderança na proposição e criação daquele espaço.

As interações existentes na apresentação de pesquisas em grupos de trabalho se revestem de particular interesse por conta da magnitude de sua presença no âmbito acadêmico, tanto em termos da abertura de possibilidades dialógicas para a construção compartilhada de um saber acadêmico como em termos de posicionamento de campo.

Os três momentos explorados neste texto, a pré-cena, a apresentação e as perguntas/comentários, parecem se destacar como situações de comunicação nas quais o clima do evento, bem como o sucesso das interações, começa a ser construído. Foi possível observar algumas das ritualidades presentes nas dinâmicas de apresentação relacionadas à especificidade das situações presenciais, sobretudo em termos das hesitações, tomadas rápidas de decisão e definições de grupo voltadas para evitar, o quanto possível, momentos de constrangimento e embaraço – por sua vez, de certo modo inevitáveis nessas ocasiões.

Longe de se esgotar, o tema parece, ao contrário, demandar pesquisas futuras no sentido de observar outras dimensões dos eventos acadêmicos não só como forma de comunicação da ciência, mas também como espaço de sociabilidade de interações. Não sem algo de metalinguístico, talvez a apresentar em eventos.

Referências

BOMFIM, Marlene S. Evento como comunicação na perspectiva da Escola de Montreal. **INTERPROGRAMAS SECOMUNICA**, 15. Brasília: Anais... Universidade Católica de Brasília, 19 a 23 de setembro de 2016. Disponível em <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/AIS/article/viewFile/7849/4861>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **Por uma sociologia da ciência**. Lisboa: Ed. 70, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Unesp, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Reflexividade**. São Paulo: Unesp, 2024.

CORRÊA, Edison; VASCONCELOS, Mara; SOUZA, Maria S. L. **Iniciação à metodologia científica**: participação em eventos e elaboração de textos científicos. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2009. Disponível em < <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1760.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

COSTA, Maria J. L. **Events corporate no ensino superior**. Leiria (PT): Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar, 2023 (Mestrado em Turismo e Tecnologia do Mar). Disponível em < <https://iconline.ipleiria.pt/entities/publication/e550fdf6-1506-4aa4-8f00-4bc96460cd78>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

FARIAS, Luiz A.; GANCHO, Carolina. Eventos e sua importância na gestão da comunicação organizacional na pós-modernidade. **Organicom**, Vol. 11, n. 20, 1. Sem. 2014, pp. 24-39. Disponível em <<https://revistas.usp.br/organicom/article/view/139214>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2015.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Forms of talk**. Filadélfia: Universidade da Pennssylvania, 1981.

GOFFMAN, Erving. Symbols of class status. **The British Journal of Sociology**, v. 2, n. 4, dez. 1951, pp. 294-304. Disponível em < <https://www.unisalento.it/documents/20152/238208/goffman.pdf/d53294e4-f6cb-fd42-73e5-39ee910ee6df?version=1.0&download=true>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis: Vozes, 2010).

GOFFMAN, Erving. **Relations in public: Microstudies of the public order**. Londres: Routledge, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Strategic interaction**. Filadélfia: Universidade da Pennssylvania, 1969.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de Interação**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. Acalmando o otário: aspectos de adaptação à falha. **Plural**, v. 16, n. 1, 2009, pp. 195-212. Disponível em < <https://revistas.usp.br/plural/article/viewFile/75217/78849>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

GUIMARÃES, Vera A. L.; HAYASHI, Maria C. P. I. Eventos científicos, espaços privilegiados de comunicação da ciência. **Comunicologia**, Brasília, v. 7, n. 2, jul/dez. 2014,

pp. 204-230. Disponível em <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rceucb/article/view/5656>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

FERRARA, Lucrécia D'A. **Comunicação. Espaço. Cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

HAYAKAWA, Juliana F.; PEREIRA, Cassia M. L.; MENDONÇA, Daniela S. **A importância da organização de eventos científicos por docentes**. Paideia, . Disponível em <<http://www.doi.net/10.5281/zenodo.13774766>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

HAYASHI, Maria C. P. I.; GUIMARÃES, Vera A. L. A. A comunicação da ciência em eventos científicos na visão de pesquisadores. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, set/dez. 2016, pp. 161-184. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245223.161-183>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

LISÉE, C.; LARIVIÈRE, V.; ARCHAMBAULT, É. Conference proceedings as a source of scientific information: a bibliometric analysis. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, New York, v. 59, n. 11, p. 1776-1784, 2008. Disponível em <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.20888>>. Acesso em: 07 abr.2025.

MARTENS, B.; SARETZKI, T. Conferences and courses of biotechnology: describing scientific communication by exploratory methods. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 27, n. 3, pp. 237-260, 1993. Disponível em <<https://link.springer.com/article/10.1007/BF02016941>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

MARTINO, Luís M. S. Chegando atrasado na aula - estratégias de preservação de face no ambiente universitário em uma perspectiva goffmaniana. **REVISTA SOCIAIS E HUMANAS**, v. 38, p. 1-16, 2025. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/85453>>Acesso em: 07 abr. 2025.

MARTINO, Luís M. S. Uma aula teórica online: um olhar microssociológico sobre uma vivência de ensino em Jornalismo. **PAUTA GERAL - ESTUDOS EM JORNALISMO**, v. 8, p. 1-17, 2021. Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/19657>>Acesso em: 07 abr. 2025.

MORAES, Elaine C. G. Eventos científicos presenciais: um estudo sobre o Congresso da Intercom. **Multiplicidades**, Bauru, v. 9, n. 9, 2019, pp. 1-16. Disponível em <www.revistas.fibbauru.br/multiplicidadefib>. Acesso em: 07 abr. 2025.

RODRIGUES, Marcelo H. S. **Eventos acadêmicos como espaços estruturantes na Área de Comunicação**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017 (Mestrado em Comunicação).

SANTOS, Ana P.; MARTINO, Luís M. S. Uma palestra motivacional - um olhar goffmaniano sobre uma forma de comunicação organizacional do capitalismo contemporâneo. **ORGANICOM (USP)**, v. 20, p. 137-148, 2023. Disponível em <<https://revistas.usp.br/organicom/article/view/212094/202023>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

SANTOS, Matheus T. **Impacto de eventos acadêmicos**. João Pessoa: UFPB, 2017 (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras - Língua Inglesa). Disponível em < <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2823/1/MTS20072017.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

SILVA, Livia B.; CONCEIÇÃO, Suzanne C. L. **A importância de eventos científicos no ambiente acadêmico**. São Paulo: Faculdade de Tecnologia da Zona Sul, 2023 (Trabalho de Conclusão de Curso em Gestão Empresarial). Disponível em < <https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/14984/1/TG-A%20Import%C3%A2ncia%20de%20Eventos%20Cient%C3%ADficos%20no%20Ambiente%20Acad%C3%AAmico.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

SPIESS, Maiko R.; MATTEDI, Marcos A. **Eventos científicos: da pirâmide reputacional aos círculos persuasivos**. Sociedade e Estado, v. 35, n. 2, maio/ago. 2020, pp. 441-470. Disponível em <http://doi.com/10.1590/s0102-6992-202035020004>. Acesso em: 07 abr. 2025.

TARGINO, Maria das Graças; NEYRA, Osvaldo Nilo Balmaseda. Dinâmica de apresentação de trabalhos em eventos científicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 2, jul./dez. 2006. p.13-23. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/12/pdf_81f67bb9b7_0000016708.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2025.

VIEIRA, Guilherme S.; ANDRADE, Sérgio L. C. **A importância da participação em eventos acadêmico-científicos de fisioterapia no Distrito Federal**. Brasília: Centro Universitário do Planalto Central, 2019 (Trabalho de Conclusão de Curso em Fisioterapia). Disponível em < https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/374/1/Guilherme_Vieira_0003684_S%C3%A9rgio%20Andrade_0003656.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2025.

ZANI, Juliana B. **A comunicação oral em eventos científicos**. Itatiba-SP: Universidade São Francisco, 2018 (Doutorado em Educação). Disponível em < <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/1059325007317955.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2025.

Recebido em: 5 abr. 2025
Aprovado em: 18 ago. 2025